

ASPECTOS DA RECEPÇÃO DO CONCEITO DE BOVARISMO PELA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

Maria Elvira Malaquias de Carvalho*

RESUMO

O texto aborda aspectos relativos à recepção do conceito de bovarismo pela crítica literária brasileira. Oriundo dos estudos acerca da obra do escritor francês Gustave Flaubert, o conceito de bovarismo foi associado ao debate sobre a identidade nacional e integra o vocabulário de autores relevantes da história da crítica literária no Brasil.

Palavras-chave: Bovarismo, identidade nacional, crítica literária brasileira

RÉSUMÉ

Le texte suivant met en relèbe quelques aspects sur la réception du concept de bovarysme par la critique littéraire brésilienne. Développé d'abord à partir de la recherche sur l'œuvre de Gustave Flaubert, le concept a été mis en rapport avec la discussion sur l'identité nationale et le mot bovarysme fait partie du vocabulaire de l'histoire de la critique littéraire au Brésil.

Mots-clé: Bovarysme, identité nationale, critique littéraire brésilienne

A história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas a de seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída sua elaboração.

Michel Foucault, *A arqueologia do saber*

* Doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG.

1 GÊNESE E TRANSPOSIÇÃO DE UM CONCEITO

Foi provavelmente Lima Barreto o primeiro artista a transportar para a crítica literária brasileira o conceito de bovarismo, já célebre na França, devido aos estudos concernentes à obra do escritor Gustave Flaubert. Em uma crônica de 1904, Barreto faz uma resenha do livro *Le bovarysme*, lançado pouco tempo antes na Europa. Recorrente na fortuna crítica flaubertiana, o conceito de bovarismo foi definido por Jules de Gaultier como “o poder atribuído ao homem de conceber-se outro” (GAULTIER, 1921, p. 13). Quando empreende sua obra, Gaultier tenta dar contornos filosóficos a uma questão já conhecida pela crítica flaubertiana do século XIX. A extraordinária repercussão de *Madame Bovary* e a polêmica em torno da personagem principal levaram o Ministério Público a acusar o autor e o editor do livro de ultraje à moral e à religião. Tal escândalo teria deflagrado o surgimento de um neologismo nos primeiros anos do Segundo Império. O termo *bovarysme*, registrado a partir de 1865, passa à condição de verbete dicionarizado da língua francesa,¹ mas somente alcança o estatuto conceitual com a obra de Gaultier.

A temática do bovarismo foi retomada por diversos autores, de várias nacionalidades, os quais acrescentaram novas significações ao conceito inicialmente cunhado por Gaultier. A história de um conceito implica uma complexa dissociação entre sua suposta origem e sua efetiva finalidade. Responsável por tal observação, Nietzsche apontou o percurso algo perverso que há entre a gênese de uma coisa e sua utilidade final. A “ininterrupta cadeia de signos de sempre novas interpretações e ajustes, cujas causas nem precisam estar relacionadas entre si” (NIETZSCHE, 2004, p. 66) deve permitir ao historiador das ideias compreender que o desenvolvimento de um objeto, de um órgão ou mesmo de um conceito “é tudo menos o seu *progressus* em direção a uma meta, menos ainda um *progressus* lógico e rápido, obtido com um dispêndio mínimo de forças”. (NIETZSCHE, 2004, p. 66) Esta genealogia nietzscheana forneceu importantes subsídios a Foucault e a seu projeto de uma ar-

¹ Ver o verbete “bovarysme” in LE NOUVEAU PETIT ROBERT. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: SNL Le Robert, 2010, p. 292.

queologia do saber. Logo, as rupturas e as discontinuidades que fazem parte de qualquer formação discursiva poderiam indicar “os caminhos que, de um domínio a outro, asseguram a circulação, a transferência, as modificações dos conceitos, a alteração de sua forma ou a mudança de seu terreno de aplicação”. (FOUCAULT, 2005, p. 67)

Este texto visa a oferecer um breve histórico do conceito de bovarismo, objetivando, primeiramente, apresentar uma síntese da temática do bovarismo, tal como elaborada pela fortuna crítica flaubertiana, e, em seguida, expor alguns registros do emprego do conceito em distintos momentos da história da crítica literária brasileira. Compreende-se por história da crítica literária brasileira a soma de formações discursivas, de natureza ensaística ou teórica, destinadas a regulamentar o ensino de literatura nos cursos de graduação e pós-graduação das universidades de nosso país.

Segundo Foucault, os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2005, p. 55), e põem em evidência a contínua intervenção da linguagem na descrição dos fatos que têm por função analisar. Há poucos trabalhos acadêmicos que se destinam a pesquisar de que maneira se fundamenta o vocabulário da crítica literária brasileira, considerando-a como um discurso passível de ser ensinado nas universidades. É necessário investigar os procedimentos a partir dos quais o discurso da crítica literária brasileira historicamente tem selecionado, de maneira consciente ou inconsciente, as ideias, os conceitos e o vocabulário sobre os quais repousam seus próprios fundamentos teóricos e epistemológicos.

Não sendo possível disponibilizar um levantamento exaustivo da recepção do conceito de bovarismo no Brasil, os dados aqui apresentados consistem em uma análise preliminar de aspectos fundamentais que o bovarismo agrega à teorização da cultura brasileira, sobretudo ao debate em torno da identidade nacional e da dependência cultural. Não obstante ter lugar de relevância no discurso da crítica literária brasileira, não existe um estudo sistemático sobre a interpretação e o uso desse conceito em vários momentos que afetam a institucionalização da crítica literária em nosso país. Enfatiza-se, portanto, a necessidade de a investigação salienta

as complexidades encontradas ao lidar com uma bibliografia que percorre uma grande extensão temporal da atividade crítica no Brasil.

2 SIGNIFICADOS DO BOVARISMO NA FORTUNA CRÍTICA DE FLAUBERT

Gaultier estuda o fenômeno do bovarismo valendo-se de especulações e de teorias em voga no início do século XX. Ele parece antes um psicólogo que um crítico literário. Apenas o primeiro capítulo de seu livro é dedicado a Flaubert, quem teria lhe fornecido o pretexto para descrever um tipo de patologia clínica. Mesmo que sua tese se tenha tornado obsoleta com o passar do tempo, o conceito de bovarismo daí extraído encontrou indiscutível ressonância no meio intelectual. Jules de Gaultier defende que as personagens de Flaubert possuem uma personalidade falsa ou emprestada (*personnalité d'emprunt*). Tais personagens caracterizam-se por uma carência de originalidade que as levaria a obedecer às sugestões do meio externo e identificar-se com a imagem que constituíram de si mesmas.

Posteriormente, o conceito de bovarismo obtém cada vez mais visibilidade em estudos específicos de teoria literária. Jean-Pierre Richard, grande expoente da chamada crítica do imaginário francesa, examina detalhadamente certas metáforas e imagens poéticas que aparecem com recorrência na prosa flaubertiana. O crítico francês interessa-se, sobretudo, por imagens ligadas à fluidez da matéria, e aponta os estados de indistinção como sensações preferidas no campo perceptivo do romancista. Segundo Richard, o ser flaubertiano vive em um universo de metamorfoses. Faltando-lhe consistência e fixidez, esse ser persegue um ideal de estabilidade ou durabilidade que sua fraqueza o impediria de atingir. Richard conclui que o verdadeiro bovarismo “é o movimento de um ser que, incapaz de descobrir um pouso, escolheu viver em um desequilíbrio prolongado” (RICHARD, 1954, p. 148), e corrige a fórmula anterior de Gaultier, afirmando que o bovarismo consiste na “impotência de conceber-se como quem quer que seja”, isto é, no “mal de não ser ninguém”. (RICHARD, 1954, p. 148)

René Girard, por sua vez, analisa o fenômeno do desejo triangular, tornando-o fundamental para a teoria do romance que desenvolve. Girard considera o bovarismo flaubertiano uma das formas do desejo segundo o Outro. Essa nomenclatura, advinda da psicanálise, designa a ideia de que o sujeito deseja (e imita) aquilo que outros desejam ou já desejaram antes dele. As formulações do crítico são retiradas de romancistas como Cervantes, Stendhal, Flaubert, Dostoiévski e Proust. Girard diferencia os romances românticos dos chamados romances romanescos, segundo sua própria terminologia.² Nas obras romanescas, a presença de um mediador ou rival entre o sujeito desejante e o objeto desejado frustra a vaidade romântica de originalidade e autonomia do ser, demonstrando que “os individualismos ardentemente declarados escondem uma nova forma de cópia.” (GIRARD, 1961, p. 29) O homem seria incapaz de desejar espontaneamente. Seu objeto de desejo lhe é designado por outrem, por um terceiro, ou pela própria literatura, como ilustrariam as personagens Dom Quixote e Emma Bovary.

Andrea Saad Hossne elabora uma análise comparativa entre as obras *Madame Bovary* e *Lady Oracle*, propondo uma discussão do percurso das heroínas de Flaubert e de Margaret Atwood, escritora canadense contemporânea. Hossne re-toma a definição de Gaultier e declara que o bovarismo não é exatamente conceber-se outro, mas “carregar o outro de uma época”. (HOSSNE, 2000, p. 276) O bovarismo revelaria aspectos que o século XIX desprezara em benefício da racionalidade, do cientificismo, da economia capitalista e dos hábitos burgueses estabelecidos como padrão. Rejeitadas como subprodutos de um século positivista, a imaginação, a irracionalidade e a literatura fantasiosa destinada a mulheres significariam, em *Madame Bovary*, as ruínas da má consciência de um tempo em transformação.

² A noção de desejo triangular serve de base à teoria do romance de Girard. O termo “romântico” é empregado para as obras que refletem a presença do mediador sem jamais revelá-lo ao leitor; ao passo que o termo “romanescos” refere-se aos romances que revelam essa presença, provocando a aproximação entre o mediador e o sujeito desejante.

3 RECEPÇÃO DO CONCEITO DE BOVARISMO NO BRASIL

O livro de Andrea Saad Hossne faz parte de um longo processo de recepção dos desdobramentos teóricos e conceituais acerca do tema do bovarismo no Brasil, tendo em vista o marco inicial estabelecido por Lima Barreto. Em uma crônica intitulada “Casos de bovarismo”, o autor brasileiro escreve suas impressões sobre a recém-lida obra de Jules de Gaultier. Embora comente os aspectos do bovarismo relativos aos romances de Flaubert, Barreto imediatamente desvia sua argumentação para a realidade brasileira, perspectivada a partir da cidade do Rio de Janeiro. Diverte-se em apontar comportamentos cotidianos de impostura, malandragem ou abuso de poder, os quais já denotam novas formas de interpretação do conceito postulado por Gaultier. O cronista descreve indivíduos atingidos pelo bovarismo, presumindo-se outros, por ganância, vaidade ou modéstia afetada. O exemplo a seguir é de um homem que finge ser delegado, para não pagar o passe do trem, enquanto um ministro de Estado faz questão de apresentar seu bilhete ao cobrador:

É no trem, trem de subúrbios; vem cheio. Entra o recebedor pela porta da frente. No segundo ou terceiro banco, alguém diz:

– Sou delegado, tenho passe.

O condutor afastou-se. Continua o auxiliar a receber os bilhetes de passagens pacientemente. Quase ao chegar à portinhola do vagão, espera que um retardatário lhe mostre o seu. Ei-lo que olha o pequeno papel; é um ministro de Estado que o apresenta ordinariamente. (LIMA BARRETO, 1956, p. 58)

Admirador de Flaubert, Lima Barreto soube catalogar numerosas idiosincrasias que puderam abrir uma fértil seara para a interpretação de um bovarismo nacional. Seus principais heróis, Policarpo Quaresma e Isaías Caminha, refletem o idealismo e o inconformismo que marcam uma grave separação entre indivíduo e sociedade. Certa vez, um crítico afirmou, utilizando uma expressão idiomática, que o bovarismo exige coisas impossíveis, “demande des oranges à des pommiers” (PLISKIN, 1994, p. 99), com a intenção de indicar o desajuste experimentado entre o herói do romance e a multidão. Policarpo dedicou sua vida a uma única causa: a pá-

tria. Mas o Brasil que ele conhecia, fechado em seu gabinete, era um país que lhe fora ensinado pelos livros. Obrigado a confrontar o país real com a pátria imaginária, Policarpo se desencanta. Embora não sofra o mesmo destino trágico do major Quaresma, Isaías Caminha também vê traídos seus ideais de juventude, ao chegar ao Rio e perceber as dificuldades para a obtenção de um emprego. As recordações de Isaías traçam a luta íntima por que passa a personagem, à medida que seu primitivo entusiasmo cede lugar a um cinismo de sobrevivência.

O conhecimento do conceito de bovarismo mostrou-se importante para as formulações teóricas de notáveis críticos e pensadores sociais brasileiros, como Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto Schwarz. Em diversas oportunidades e por diferentes caminhos metodológicos, discute-se o fato de nosso sistema intelectual ter sido caracterizado, desde sua legitimação, pelo “receio de ser original” (LIMA, 1981, p. 10), tal como enfatiza Luiz Costa Lima. Ao longo do século XIX, começam a ficar expostos alguns problemas herdados do aparato colonial, os quais persistiram no pensamento brasileiro: a dominância de uma cultura oral no interior de uma civilização da escrita, a submissão às *idées reçues*, a assimilação das novidades vindas do estrangeiro, o culto prestado ao intuicionismo, entre outros. A longevidade desses problemas teria sido responsável por uma peculiar inaptidão à teoria experimentada pelo intelectual brasileiro. A consequência mais perversa desse estado de coisas foi impedir, mesmo após a independência política do Brasil, o livre desenvolvimento de discursos e construções epistemológicas realmente emancipadas, já que, segundo Costa Lima, “não ser capaz de teorizar significa, no melhor dos casos, adaptar, e, no caso normal, manter um estatuto colonial” (LIMA, 1981, p. 15).

A adulação às ideias estrangeiras chega a ser um *topos* recorrente na história da crítica literária brasileira. Criada por Mário de Andrade, a expressão “moléstia de Nabuco”, registrada numa correspondência a Carlos Drummond de Andrade,³ designa ironicamente o sentimento de atopia, desterro ou desajuste enfrentado pelo intelectual brasileiro, de inclinações afrancesadas, diante de sua própria terra. Há uma célebre passagem do livro *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco, na qual o

³ Ver FROTA, Lélia Coelho. *Carlos e Mário*. Prefácio e notas de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.

autor pernambucano confessa preferir “um pedaço do cais do Sena à sombra do Louvre a todas as paisagens do Novo Mundo”. (NABUCO, 2004, p. 49)

Entre os intelectuais que integraram o movimento modernista, a trajetória de Paulo Prado é exemplar, quando se trata de observar o mal-estar da elite nacional em relação ao próprio país. O trecho a seguir indica a tomada de consciência de que nossa entrada para a modernidade dava-se de modo problemático e, contrariamente às grandes expectativas do projeto modernista de 22, o movimento não conseguira livrar-se da avassaladora sensação de dependência que sustentaria toda vida cultural e política do Brasil.

Tudo é imitação, desde a estrutura política em que procuramos encerrar e comprimir as mais profundas tendências da nossa natureza social, até o falseamento das manifestações espontâneas do gênio criador. (...) Nesta terra, em que quase tudo dá, importamos tudo: das modas de Paris – ideias e vestidos – ao cabo de vassoura e ao palito. Transplantados, são quase nulos os focos de reação intelectual e artística. Passa pelas alfândegas tudo que constitui as bênçãos da civilização: saúde, bem-estar material, conhecimentos, prazeres, admirações, senso estético. (PRADO, 2001, p. 204)

A contribuição definitiva para a associação explícita entre bovarismo e identidade nacional é dada por Sérgio Buarque de Holanda. Em *Raízes do Brasil*, ao falar sobre as formas de evasão da realidade que impregnaram determinados preceitos liberais e românticos que vigoraram entre nós, o autor lança mão do termo bovarismo, em uma curta porém interessante passagem na conclusão do capítulo “Novos Tempos”. Considerada a recepção que o conceito de bovarismo tivera no Brasil, ainda nas primeiras décadas do século XX, o termo parece referir-se à carência de originalidade que leva o sujeito, sempre à mercê do outro, a copiar modelos de cultura e civilização vindos de fora.

Há um “bovarismo nacional, grotesco e sensaborão” (HOLANDA, 2001, p. 166, grifo do autor), que atuaria como uma espécie de mal de origem na formulação de uma representação de identidade feita pelos próprios brasileiros a respeito de si mesmos. Sérgio Buarque de Holanda adverte que os efeitos do bovarismo, ainda que menos sensíveis com o passar do tempo, foram suficientes para a conservação da “ideia de que o país não pode crescer pelas suas próprias forças naturais: deve

formar-se de fora para dentro, deve merecer a aprovação dos outros.” (HOLANDA, 2001, p. 166, grifo do autor) Essa afirmação corrobora inteiramente a premissa central de *Raízes do Brasil*, explicitada logo no primeiro parágrafo do livro:

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem. (HOLANDA, 2001, p. 31)

Ainda que desprovida de desdobramentos analíticos, a menção ao termo bovarismo não é, de modo algum, irrelevante para o sentido global da obra, uma vez que a ideia fundamental de dependência do outro também está presente na descrição do homem cordial, no capítulo anterior de *Raízes do Brasil*, quando ainda não havia uma referência explícita ao conceito de bovarismo. Se voltarmos ao parágrafo inicial do livro, percebemos que a crítica de Holanda à constituição da cultura e da sociedade brasileiras está calcada sobre a inevitável constatação do sentimento de nostalgia do outro. Em decorrência disso, bovarismo e cordialidade estariam tacitamente vinculados a elementos autodepreciativos do imaginário intelectual nacional. A cordialidade, traço do caráter brasileiro derivado do personalismo ibérico, tem como condição o “viver nos outros” (HOLANDA, 2001, p. 147) e destoa das modalidades de individualismo moderno que reivindicam a autonomia ou a autossuficiência do ser. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, o homem cordial sente pavor em viver consigo mesmo, não consegue apoiar-se sobre si próprio e, por isso, precisa dos outros para exercer o seu poder.

Se há uma identidade brasileira, ela parece estar associada ao bovarismo, devido aos aspectos contraditórios que cercam a apreensão desse conceito. Se nos perguntarmos por que a crítica brasileira insiste em utilizar o termo bovarismo de modo aparentemente superficial, elegendo-o, assim mesmo, como um dos con-

ceitos-chave do pensamento crítico nacional, não encontraríamos respostas tão imediatas ou tão simples. De qualquer modo, os pensadores brasileiros vêm se apropriando desse conceito para refletir sobre os valores e os antivalores que permeiam a identidade nacional. Resta-nos aqui fazer uma breve referência ao ensaio de Olgária Matos, “Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional”, no qual a autora estabelece relações entre bovarismo e anti-heroísmo, a partir da obra de Sérgio Buarque de Holanda.

Os grandes heróis da literatura brasileira teriam como principais características a versatilidade e a adaptabilidade às diversas circunstâncias. Pensemos em Rubião, Brás Cubas ou Macunaíma, por exemplo. Nenhum deles possui uma identidade definida, ou melhor, nenhum deles consegue sequer produzir uma imagem estável de sua identidade. Essa é, desde sempre, uma identidade híbrida, devido ao choque, em nossa sociedade colonial, entre os valores herdados do liberalismo burguês europeu e a experiência do regime escravocrata. Segundo Olgária Matos, diferente dos heróis da literatura clássica, o herói moderno “não chega a nos conferir a procurada identidade”. (MATOS, 1994, p. 88)

No Post-Scriptum a *Retrato do Brasil*, Paulo Prado menciona a existência de um “bovarismo paulista”. (PRADO, 2001, p. 184) Que teria acontecido, na passagem dos anos de 1920 para os anos de 1930, para que o termo tenha tido tamanha influência, a ponto de chegar a ser um atributo da identidade brasileira, tal como é diagnosticado por Sérgio Buarque de Holanda, na passagem acima referida de *Raízes do Brasil*? É necessário, portanto, tentar reconstruir os diferentes momentos em que a discussão sobre o bovarismo ocupa um papel de destaque para os intelectuais brasileiros. Augusto Meyer retoma a velha fórmula de Gaultier, em uma crônica bem curta, a propósito de “um termo bárbaro” (MEYER, 1971, p. 109) encontrado em um texto de Lúcia Miguel Pereira no alto da primeira página literária de um jornal. Questionando-se sobre o significado da palavra bovarismo, Meyer vasculha o texto de Gaultier, sinal de que, ainda na década de 1950, poderia haver uma difusão imprecisa deste termo de origem estrangeira, que se intromete no vocabulário vernáculo: “Bovarismo, bovarizado, bovarizar-se, bovarização...’ Seja tudo pelo amor da neologia, mas afinal de contas, que é bovarismo? pergunta o leitor.” (MEYER, 1971, p. 109)

4 BOVARISMO E LITERATURA COMPARADA

É possível distinguir um novo desdobramento dado ao tema do bovarismo, cujas implicações manifestar-se-iam nos paradigmas traçados pela literatura comparada no Brasil, a partir da década de 1970. O texto “Eça, autor de *Madame Bovary*”, de Silviano Santiago, representa um momento de efervescência e reviravolta na academia brasileira. Trata-se de reinterpretar as bases epistemológicas sobre as quais repousava toda a teoria da dependência cultural, mediante a introdução, nos currículos universitários, de novas vertentes críticas, como os Estudos Culturais e a Desconstrução.

Desde o título, o artigo já demonstra que Santiago coloca em prática as premissas de Jorge Luis Borges, expostas nos célebres “Pierre Menard, autor do Quixote” e “Kafka e seus precursores”.⁴ Em ambos os ensaios, Borges questiona o papel absoluto do autor de uma obra, ao reivindicar para o leitor aquilo que denomina técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas. Trata-se do poder do ato da leitura, capaz de subverter as hierarquias e as cronologias então concebidas pela história literária. Deve ser revista a noção tradicional de influência, até então atuante no exame das relações entre obras e autores afastados pelo tempo ou por idiomas distintos. A palavra *precursor* é dotada de novos significados. Extirpando dela toda conotação de polêmica ou rivalidade, Borges determina a orientação que entrará em vigência: cada escritor cria seus precursores, de tal modo que tanto nossa concepção de passado quanto nossa concepção de futuro devem ser sempre alteradas e reorganizadas dentro do sistema literário.

Levando em conta tais prerrogativas, Silviano Santiago analisa a proximidade entre os romances *Madame Bovary*, de Flaubert, e *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. O objetivo de Santiago é tomar a narrativa do escritor português como força propulsora de desmistificação daquilo que, por muito tempo, foi “o banquete da crítica tradicional: a busca e o estudo de fontes”. (SANTIAGO, 2000, p. 47) Supunha-se que o romance de Eça fosse uma mera cópia da obra de Flaubert e que, ha-

⁴ Ver BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974.

vendo entre ambos os textos uma relação de subserviência ou dívida, *O Primo Basílio* deveria ser inferior ao clássico francês.

A revolução operada por Borges (lido em contexto pós-estruturalista) coloca em xeque as noções de origem e originalidade como critérios definidores na comparação entre obras e artistas. Temos de dar ênfase ao texto de chegada e considerar o texto de partida como objeto a ser aprimorado ou subvertido. Como diz Santiago, “a obra segunda, porque comporta em geral a crítica da anterior, se impõe com a violência desmistificadora das planchas anatômicas que deixam a nu a arquitetura do corpo humano”. (SANTIAGO, 2000, p. 57) Devemos revisar certos dogmas que impediriam uma avaliação correta do que realmente foi a contribuição e a recepção das literaturas estrangeiras, especialmente a francesa, para a formação das literaturas ibero-americanas. O crítico defende que o livro de Eça trouxe um “enriquecimento suplementar” (SANTIAGO, 2000, p. 52) para o romance francês, estabelecendo uma “diferença” em relação ao modelo flaubertiano.

O texto de Santiago anuncia a superação da noção de dependência cultural, quando se trata do exame comparativo de literaturas “periféricas” e literaturas “centrais”. Sua argumentação discrepa dos paradigmas de interpretação do bovarismo evidenciados anteriormente. Convém notar que o conceito vem adquirindo características positivas, na medida em que é tomado como categoria-chave para a defesa de uma epistemologia e de uma metodologia particulares, as quais devem ser organizadas para o desenvolvimento da literatura comparada no Brasil.

Há uma relação entre leitura, devaneio e adultério que é exaustivamente apontada por críticos flaubertianos. As protagonistas Emma e Luísa representariam exemplos típicos de um comportamento que parece atingir, sobretudo, as mulheres. Ricardo Piglia, ensaísta argentino contemporâneo, cuja obra indica uma constante preocupação com a temática do bovarismo, corrobora a hipótese de que a leitora perfeita é a adúltera. Piglia declara a ficção como uma prática feminina por excelência ou, de acordo com seus próprios termos, como uma prática antipolítica: “A ficção se associa ao ócio, à gratuidade, à dissipação do sentido, ao que não se pode ensinar, associa-se ao excesso, ao acaso, às mentiras da imaginação.” (PIGLIA, 1994, p. 91)

Em *O último leitor*, Piglia discute o bovarismo, apoiando-se nas experiências de leitura vividas por indivíduos reais ou personagens fictícias. Aludindo à ideia de que a figura do leitor pode ser historicamente associada a uma posição passiva ou feminina na tradição grega, o crítico reconhece um sintoma comum em Mme. Bovary, Anna Kariênina e Molly Bloom: todas elas, insatisfeitas, encontrariam na ficção o que lhes falta na realidade. “Diante do mal-estar de suas próprias vidas, as mulheres que leem (...) encontram outra vida possível na infidelidade” (PIGLIA, 2006, p. 136-137), afirma o crítico argentino. Essas personagens possuiriam, portanto, o traço bovarista mais típico: “querer ser outro, querer ser o que são os heróis dos romances”. (PIGLIA, 2006, p. 136)

Deve-se ter em mente, em suma, que o bovarismo deflagra dois tipos de reflexões simultâneas, e ambas se mostram produtivas para o debate que movimenta determinados setores da crítica literária: o questionamento sobre a identidade de um sujeito e o questionamento sobre a identidade de uma cultura. Observando as semelhanças entre as poéticas de Jorge Luis Borges e de Ricardo Piglia, ou a maneira pela qual Piglia tem tomado para si certos temas borgianos, Eneida Maria de Souza discorre sobre as afinidades eletivas e a construção de redes imaginárias de leitores e/ou autores por meio da ficção. Valendo-se de concepções analíticas de René Girard, antes mencionadas, a autora caracteriza *Madame Bovary* como uma “obra que representa a metáfora da literatura como criadora de ilusões, [e] ilustra a mesma sedução causada pelo ‘desejo triangular’, processo cognitivo através do qual a relação do sujeito com o objeto é fruto da leitura dos romances românticos.” (SOUZA, 2002, p. 120) Remetendo ao “fascínio do sujeito pela aventura do outro” (SOUZA, 2002, p. 115), o bovarismo permite ver, desde a gênese do conceito, “a inserção da alteridade como fator constituinte da subjetividade” (SOUZA, 2002, p. 126), como observa a autora brasileira.

Quanto à identidade de uma cultura, esta também se constrói em contato com um espaço não familiar, desconhecido, estrangeiro e artificial. Piglia fala sobre um (novo?) bovarismo, “chave do mundo moderno” (PIGLIA, 1991, p. 64), o qual seria “a forma como a cultura de massas educa os sentimentos” (PIGLIA, 1991, p. 64), mencionando os procedimentos narrativos de Manuel Puig e Roberto Arlt. Esses escritores teriam sabido manejar materiais advindos de uma memória anônima e

impessoal, já filtrados pela cultura popular ou pela cultura de massas. A narrativa contemporânea mostra infinitos exemplos de como se dá a apropriação de memórias alheias e de recordações artificiais. Esse fenômeno também é visível no campo da crítica literária.

Será necessário algum tempo para analisar os efeitos desses desdobramentos atuais do bovarismo na crítica literária brasileira. Pode-se especular, contudo, que a abordagem de Piglia e sua influência sobre os estudos literários no Brasil promovem um tipo de inibição da complexidade semântica do conceito de bovarismo, em comparação não só com outros momentos de sua recepção em nosso país, mas também com os aspectos psicossociais discutidos pela fortuna crítica flaubertiana ao longo de décadas. No cerne dessa abordagem, há uma imbricação autocomplacente entre teoria literária e psicanálise, imbricação que tende a reduzir o ato de leitura, ou o exercício (do) crítico, a uma experiência contínua de escritura. Ao possibilitar a criação de redes textuais entre escritores, personagens e leitores de distintas épocas, o conceito de bovarismo pode tornar-se inoperante, por não mais servir como ferramenta crítica que auxilie um questionamento de natureza política, social e antropológica sobre os significados do “tornar-se outro” em diferentes campos de nossas vidas. Afinal, foi por referir-se aos problemas advindos da deliberada não distinção entre a ficção, o imaginário e a realidade que o célebre romance de Flaubert adquiriu sua importância no âmbito da literatura moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974.

BOVARYSME. In: LE NOUVEAU PETIT ROBERT. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: SNL Le Robert, 2010, p. 292.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FROTA, Lélia Coelho. *Carlos e Mário*. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.

- GAULTIER, Jules de. *Le bovarysme*. Paris: Mercure de France, 1921.
- GIRARD, René. *Mensonge romantique et vérité romanesque*. Paris: Hachette, 1961.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. 33ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HOSSNE, Andrea Saad. *Bovarismo e romance: Madame Bovary e Lady Oracle*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2000.
- LIMA, Luiz Costa. Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil. In: _____. *Dispersa Demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 3-29.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Casos de bovarismo. In: _____. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 56-60.
- MATOS, Olgária Chain Feres. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. *Tempo social*. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 6 (1-2), p. 83-90, 1994. (editado em jun. 1995).
- MEYER, Augusto. Bovarismo: a confiança de um filósofo. In: _____. *Preto e Branco*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Grifo Edições/Instituto Nacional do Livro, 1971. p.109-113.
- NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Prefácio de Evaldo Cabral de Mello. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. 7ª reimp. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: *Anais do 2º Congresso Abralic*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1991. v. 1. p. 60-66.
- PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PLISKIN, Fabrice. La norme et l'exception. In: DEBRAY-GENETTE, Raymond et al. (org.) *La revue des lettres modernes: Gustave Flaubert*. Paris: Minard. 1994. p. 99-133.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 9ª ed. 4ª reimp. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RICHARD, Jean-Pierre. La création de la forme chez Gustave Flaubert. In: _____. *Littérature et sensation*. Paris: Seuil, 1954. p. 119-219.

SANTIAGO, Silvano. Eça, autor de *Madame Bovary*. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 47-65.

SOUZA, Eneida M. de. *Madame Bovary somos nós*. In: _____. *Crítica cult.* 1ª reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 121-135.